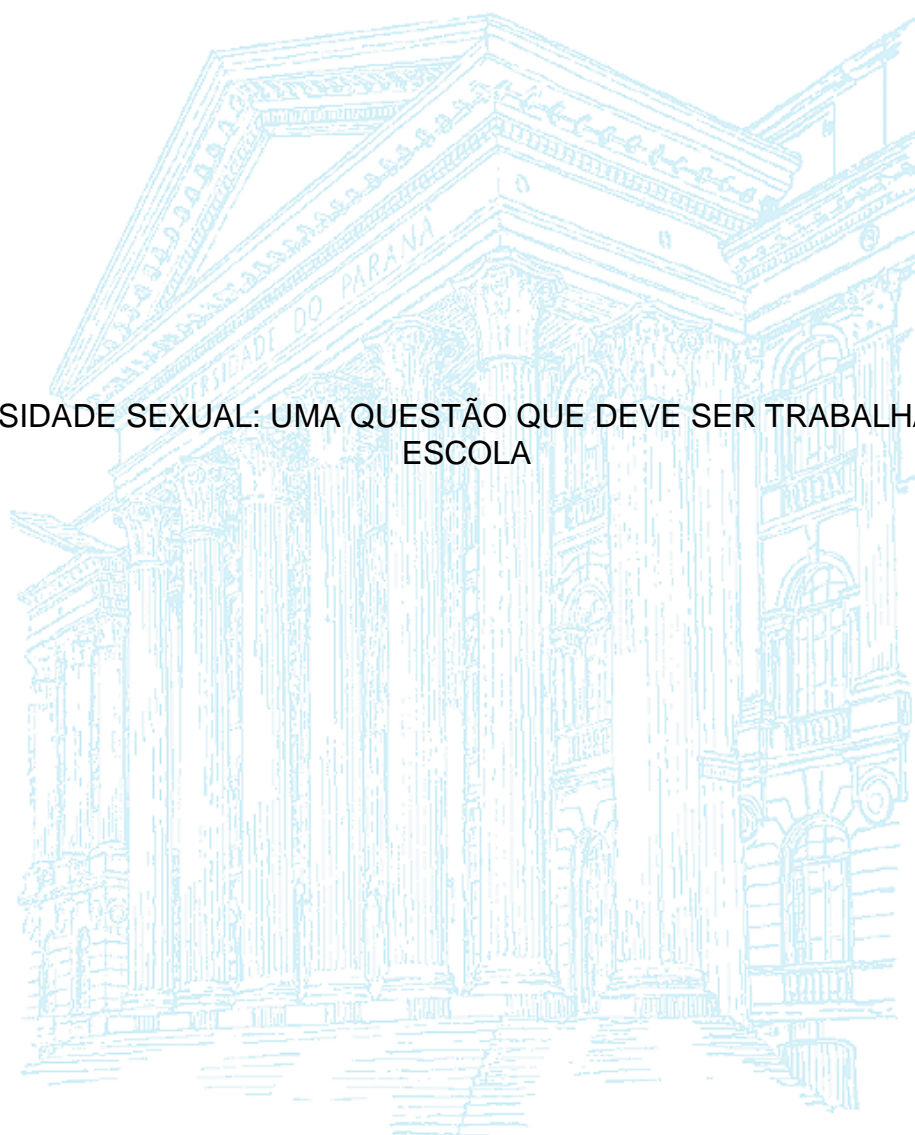


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IVONE RODRIGUES MACENA BAROSSÍ

DIVERSIDADE SEXUAL: UMA QUESTÃO QUE DEVE SER TRABALHADA NA  
ESCOLA



LAPA  
2016

IVONE RODRIGUES MACENA BAROSSO

DIVERSIDADE SEXUAL: UMA QUESTÃO QUE DEVE SER TRABALHADA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Daniela Resende Archanjo

LAPA  
2016

## **DIVERSIDADE SEXUAL: UMA QUESTÃO QUE DEVE SER TRABALHADA NA ESCOLA**

**Ivone Rodrigues Macena Barossi <sup>1</sup> ; Daniela Resende Archanjo <sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Graduada em ciências Biológicas pela UFPR, especializada em Educação ambiental, professora da Rede Estadual de Ensino; E-mail: irmbarossi@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduada em Direito, mestre em Sociologia, especialista em Sociologia Política e doutora em História. Professora da Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.. E-mail: danielaarchanjo@hotmail.com

**RESUMO:** Cada um dos seres humanos pertencentes ao mundo possui uma identidade, a qual é formada por fatores variados que se dão em contextos variados. Um dos locais que contribui para a formação dessa identidade é a escola. Porém, neste mesmo local, algumas identidades são ignoradas, principalmente, no que diz respeito ao gênero e à orientação sexual. Considerando que este é um ambiente excelente para se discutir a diversidade sexual, torna-se pertinente a proposta de levar essa discussão para o âmbito educacional, trabalhando com professores que podem no cotidiano da comunidade escolar alterar o cenário atual, o qual é carregado de preconceito e intolerância. Tal prática torna-se necessária, pois, é conhecendo as diferenças, que se aprende a trabalhar com elas, sem que nenhuma identidade seja excluída dentro da sala de aula. Portanto, a proposta aqui apresentada, é a de criar um ambiente propício, para que o tema da diversidade sexual possa ser trabalhado de forma produtiva que caminhe rumo à igualdade.

**PALAVRAS- CHAVE:** Direitos humanos. Diversidade sexual. Educação. Gênero. Igualdade.

**ABSTRACT:** Each of humans belonging to the world has an identity, which is formed by several factors that occur in diverse contexts. One of the places that contributes to the formation of this identity is the school. However, in this same place, some identities are ignored, especially with regard to gender and sexual orientation. Since this is an excellent environment to discuss sexual diversity, relevant becomes the intention of bringing this discussion to the educational level, working with teachers who are in the school community everyday change the current scenario, which is loaded prejudice and intolerance. This practice becomes necessary, therefore, is knowing the difference, you learn to work with them, without any identity is excluded within the classroom. Therefore, the proposal presented here is to create an enabling environment so that the topic of sexual diversity can be worked productively to walk towards equality.

**KEY WORDS:** Human rights. Sexual Diversity. Education. Gender. Equality.

### **INTRODUÇÃO**

Encontramo-nos em um momento onde não é mais possível ignorar as diferenças entre os seres humanos. A forma como cada um de nós é percebida por

outrem pode definir – e define – uma série de questões em nossa vida, por exemplo, no âmbito da política, da saúde, do afeto, da educação, entre outros tantos que nos fazem dar voltas intermináveis ao redor da questão “Quem somos nós?”

Quando pensamos sobre a pergunta acima, notamos que a nossa identidade, ou seja, aquilo que nos caracteriza enquanto pessoa vai muito além do nome ou da origem que carregamos. Assim, todos os objetos externos a nós, influenciam na forma como enxergamos a nós mesmos e como o mundo nos percebe. Seguindo esta perspectiva, Louro destaca que:

Torna-se uma exigência que, atentos a essas complexas relações de poder, os educadores e educadoras analisem as formas como as identidades são produzidas e os significados que lhes são socialmente atribuídos. Sob essa ótica, é o conceito de diferença que passa a adquirir maior relevância. (LOURO, 2004, p. 205)

As diferenças também fazem parte da identidade de cada um, e é por este motivo que não podemos ignorá-las. Uma vez que, anular uma diferença existente equivale a anular parte da nossa identidade. Sendo a escola um dos agentes que auxiliam na construção de identidades, não há espaço mais adequado do que este para desenvolver tal discussão.

Na medida em que deixa de trabalhar a temática da diversidade, a escola contribui para a anulação de identidades – que, diga-se de passagem, já vem sendo apagadas há tempos. Percorre por trás desse fato, uma falsa ideia de uniformidade, ou padronização. Ora, sabemos que os alunos que estão na escola vêm de diferentes famílias, e isto, muitas vezes, a depender da criação, já os torna demasiado diferentes uns dos outros, portanto, é chegada a hora de, frente a frente, abordarmos a diversidade, para qual até então fechamos os olhos.

Entre todas as diferenças que podem – e vão – aparecer na sala de aula, pretendemos aqui, dar destaque no que se refere à diversidade sexual. Consideramos ser de grande importância este tema, pois a orientação sexual é também um componente da identidade de cada um. Além disso, os diversos casos de violência contra pessoas com uma orientação sexual fora do padrão heteronormativo<sup>1</sup>, não nos permitem esquecer o quanto falar sobre isto é

---

<sup>1</sup> Segundo Tavares (2011, p.31), o surgimento da homossexualidade enquanto construção social, deu-se em meio aos movimentos feministas.

importante<sup>2</sup>. Almejando o dia em que estas pessoas não mais sejam vítimas de homofobia e lesbofobia. Considerando que:

O debate sobre a diversidade sexual e de gênero ocorre desde a década de 1970, mas só recentemente está chegando à escola, devido à forte pressão dos grupos feministas e dos grupos LGBT (Lésbicas, Gays Bissexuais, Travestis e Transexuais) que lutaram e continuam lutando contra a discriminação e exclusão nos espaços públicos, políticos e institucionais. (ANDRADE, CARVALHO, FIRINO, GOMES, SILVA, 2011, p. 125)

O trecho acima citado, foi retirado de uma obra escrita por autores diversos, todos membros de um projeto envolvendo a busca pela construção da igualdade na escola, projetos como este, são necessários para que se compreenda a densidade dos problemas envolvendo a violência e o preconceito na vida das famílias e dos membros da comunidade escolar. Uma vez que, sem conhecer as estruturas da violência enfrentada por homossexuais, mulheres, negros, lésbicas, etc, não é possível combater de forma eficaz ao preconceito que culmina em cada violência.

É fato que a variedades de gêneros, sexualidades e comportamentos se fazem presentes em nossa sociedade, contudo, professores e alunos parecem permanecer despreparados para conviver com as diferenças em suas diversas manifestações. A Unesco no ano de 2002 fez uma pesquisa com 5 mil professores atuantes tanto na rede pública quanto na rede privada, em todos os Estados brasileiros acerca da homossexualidade, a partir da qual verificou-se que para 59,7% deles seria difícil admitir o fato de uma pessoa ter relações homossexuais e que 21,2% deles tampouco gostariam de ter que conviver com vizinhos homossexuais (UNESCO, 2004, p.144). Nesse sentido, a escola, enquanto instituição formadora da sociedade deve trabalhar a partir de “[...]uma perspectiva que coloca sob suspeita as concepções curriculares hegemônicas e visa a transformar rotinas escolares, e a problematizar lógicas reprodutoras de desigualdades e opressão.” (BRAND, CHAMUSCA, HENRIQUES, JUNQUEIRA, 2007, p. 11).

Froemming, Irineu, Mello e Ribeiro (2013), trazem à tona pesquisas as quais apontam que parte da dificuldade em criar políticas públicas e considerar o público LGBT enquanto um público merecedor de atenção, deriva do fato de que vigora uma

---

<sup>2</sup> Vale destacar a importância de se discutir essa temática não só dentro da sala de aula, mas também fora dela. Visto que os professores e pais envolvidos na comunidade escolar podem também se identificar com uma orientação sexual fora dos padrões heteronormativos, sofrendo assim, com o preconceito dos demais.

ideia de universalidade, na qual todos são considerados como iguais e daí presume-se que não se podem tratar certos grupos de maneira diferente, considerados por alguns como privilegiados. Isto pode ser pontuado como um empecilho para se trabalhar o tema na escola, por exemplo.

A homossexualidade, suas relações afetivas e sexuais fazem parte a muitos anos da vida dos alunos das escolas brasileiras. Cabe ressaltar que a homossexualidade é definida pela American Psychological Association (2008) como um dos quatro componentes da sexualidade humana e caracteriza-se pela atração emocional, sexual, romântica ou afetiva para com um indivíduo do mesmo gênero ou sexo. Outra pesquisa, também realizada pela Unesco buscou verificar o alcance da homofobia no ambiente escolar, onde foi possível constatar que os professores sentem dificuldades em abordar temas relacionados à homossexualidade. (UNESCO, 2004).

Esta abordagem encontra-se inserida na discussão dos Direitos Humanos, uma vez que, este público sofre tanta violência e restrição de liberdade no meio social por conta de sua orientação sexual ou a forma como os seus corpos aparecem. Ainda que existam projetos, como o Brasil sem Homofobia, “[...] nunca se teve tanto e o que há é praticamente nada” (BRITO MAROJA, MELLO, p. 425). Ou seja, nessa perspectiva, ainda há muito no que se trabalhar para uma garantia concreta dos Direitos Humanos dos grupos excluídos, de forma geral.

Pretende-se aqui, a partir de um estudo teórico, apresentar algumas questões que dizem respeito à questão da inclusão quando se trata de diversidade sexual, as quais foram objeto de reflexão na aplicação de um projeto com um grupo de professores.

As propostas foram realizadas visando analisar como professores tratam a questão da homossexualidade, proporcionando um momento de estudo e reflexão com o intuito de causar alterações de forma positiva no que concerne à relação entre diversidade sexual e docência.

A presente pesquisa pode ser posta como uma tentativa de iniciar, entre todos os membros da comunidade escolar, um diálogo acerca da necessidade de se discutir a homossexualidade na escola, sempre amarrando o tema ao âmbito dos Direitos Humanos. Entendendo que, essa iniciativa não deve ter apenas um ponto de partida, mas sim dar a largada em diversos pólos que posteriormente se unam e fortaleçam esta luta.

## **OBJETIVOS**

O principal objetivo deste trabalho é expor os resultados e impactos trazidos pela discussão acerca da diversidade sexual na escola. Para tanto, foi necessário repartir esta ideia em três etapas: a coleta prévia das informações e posicionamentos pertencentes aos professores, a discussão acerca do tema, a análise dos impactos dessa discussão. Essas etapas caracterizam uma espécie de objetivos necessários para se alcançar o objetivo primeiramente almejado.

## **METODOLOGIA**

Foram usadas ferramentas de cunho teórico para a elaboração de atividades envolvendo um grupo de docentes em um Colégio Estadual de Curitiba-PR. Uma instituição pública de ensino fundamental e médio que atende cerca de 730 alunos, A região onde a escola está localizada conta com uma população pobre, carente e trabalhadora.

Durante a pesquisa teórica, deparamo-nos com uma infinidade de autores que trabalham a questão da diversidade de inúmeras maneiras, o que aumenta a visibilidade do assunto dentro dos ambientes acadêmicos, porém, todo acadêmico tem em si aquele questionamento sobre levar o que aprendeu na academia, para fora dela. Nisso, professores têm um ponto de vantagem, pois, encontram-se diariamente em contato direto com um campo muito interessante para se levar os frutos positivos da academia: para a comunidade escolar.

Após a pesquisa teórica, que foi feita de forma qualitativa, solicitou-se na sala dos professores, que aqueles que pudessem, produzissem uma espécie de mini artigo acerca da questão da diversidade sexual e suas percepções dela na sociedade e dentro das salas de aula.<sup>3</sup> Vez ou outra, nos encontros nos corredores, na sala dos professores, o pedido foi reforçado. Estabeleceu-se um prazo de aproximadamente 2 semanas entendendo que os professores já estão com muitas atividades pessoais a serem realizadas.

Após a coleta dos textos, foi realizada a leitura dos mesmos, e, somente a partir de uma compreensão sobre o conhecimento dos professores, é que foram

---

<sup>3</sup> A equipe pedagógica já estava ciente da aplicação do projeto.

elaboradas as atividades com maior detalhe. Convidou-se então, todos os professores e professoras para que participassem desta conversa em um dia marcado, não letivo. Foram dois encontros realizados, um no começo do mês de agosto e um ao final.

Um grupo de 11 professores participou da primeira reunião, com duração de cerca de quatro horas (uma manhã de sábado). Onde, foi realizada a leitura de um texto, assistiu-se a um trecho de um filme e um vídeo informativo, os quais serão especificados posteriormente.

Durante o encontro, seis alunos voluntários das turmas do ensino médio faziam, de forma aleatória, intervenções na reunião, para dramatizar relatos de homens e mulheres que foram vítimas de alguma violência oriunda do preconceito em relação à diversidade sexual.<sup>4</sup>

Após duas semanas da realização deste encontro, solicitou-se que os professores novamente fizessem um artigo sobre como estavam percebendo essa questão da diversidade sexual na escola. Este tempo foi dado de forma proposital para que os professores fossem às suas classes com os impactos da discussão do grupo e formulassem novas percepções sobre o tema em suas relações com os alunos e seus companheiros de trabalho. Os professores deveriam também, colocar suas opiniões sobre o projeto realizado. As redações foram comparadas entre si, buscando analisar a diferença de percepção que elas apresentavam, entre os professores e entre suas redações iniciais. Após isso, os professores foram orientados a realizar com os alunos uma pequena atividade acerca do assunto, que ficaria à seu critério formular.

Outro encontro foi realizado para que os professores partilhassem suas percepções sobre a diversidade sexual na sala de aula e relatassem aos colegas algum caso que achassem pertinentes.

Todas as percepções tidas durante a aplicação do projeto serão aqui apresentadas, tal como alguns trechos dos textos produzidos por eles que couberem destacar e percepção de cada um acerca da pequena atividade que realizaram com os alunos.

---

<sup>4</sup> Esses estudantes foram preparados previamente para fazer esta participação, a qual teve o intuito de sensibilizar os professores participantes.



## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos aqui, uma discussão organizada, de forma a explicitar pontos de destaque que não ocorreram em uma trajetória linear, necessariamente.

Do texto solicitado inicialmente, extraímos os aspectos que serão discutidos nos próximos parágrafos. Os textos não foram construídos de forma extensa, compreendemos que nem todos os professores, de momento, estavam com a mesma disponibilidade para escrevê-lo. Porém, ficamos satisfeitos com os textos que nos foram entregues.

Todos os professores e professoras participantes do projeto ressaltaram que não possuíam preparo suficiente para lidar com a questão da diversidade sexual na sala de aula. Alguns deles<sup>5</sup> defendem inicialmente que, quando surgir este tema, o melhor a se fazer é mudar de assunto, pois, há coisas mais pertinentes à matéria que precisam ser trabalhadas. Eis aqui, um desabafo de um dos docentes: “Mal há tempo para ensinar a matéria que eu preciso ensinar que o plano exige, como é que eu vou parar a minha aula pra falar sobre diversidade sexual?” (Professor). Parece-nos, assim, que alguns professores entendem que sua função está restringida à matéria que leciona, o que não é mentira, já que sabemos que o tempo e o conteúdo muitas vezes não aparecem de forma proporcional.

Essa limitação que se coloca na “minha matéria”, acaba por contribuir para que cada vez mais assuntos, tão importantes quanto a matéria, fiquem de fora das salas de aula. A discussão sobre a diversidade sexual, muitas vezes, sequer ultrapassa o portão da escola. As próprias identidades dos membros da comunidade escolar ficam para fora do portão.<sup>6</sup>

Segundo a perspectiva de Andrade, Carvalho, Firino, Gomes e Silva (2011), este fato, o de fugir da temática, pode ser um sinal da resistência que as pessoas apresentam quando o assunto é desconstruir os preconceitos que se tem acerca da diversidade sexual.

Uma professora relata-nos em seu texto que: “Eu não discuto sobre isso diretamente, por falta de tempo, mas não permito que sejam feitas piadas sobre a sexualidade de ninguém dentro da sala.” Essa docente nos trouxe uma questão

---

<sup>5</sup> Um numero extremamente pequeno, mas que não deve ser ignorado.

<sup>6</sup> Na escola todo mundo é ou aluno, ou professor, ou funcionário. Onde, cada qual obedece às regras que lhe cabem e não há espaço para particularidades.

importante de ser combatida: as piadas em sala. Essas piadas são originárias de alunos e de professores.<sup>7</sup> Aproveitando a fala que nos traz à tona Junqueira:

Ao mesmo tempo em que nós, profissionais da educação, estamos conscientes de que nosso trabalho se relaciona com o quadro dos direitos humanos e pode contribuir para ampliar os seus horizontes, precisamos também reter que estamos envolvidos na tessitura de uma trama em que sexismo, homofobia e racismo produzem efeitos e que, apesar de nossas intenções, terminamos muitas vezes por promover sua perpetuação. (JUNQUEIRA, 2009 p. 13).

Parte dos docentes ainda não se coloca como responsável pelo combate à homofobia na escola, ainda que entendam que o professor tem influência na construção da identidade de cada estudante. Em geral, não há um esforço para se tratar desta questão. Aqueles que reconhecem ser necessário permanecem sem saberem como proceder. Partindo das informações coletadas nesta aproximação, organizamos o encontro onde a diversidade sexual seria discutida.

Durante a realização do primeiro encontro, os docentes foram aos poucos se envolvendo no tema, sentindo-se responsáveis por espalharem a ideia de que a homofobia e a lesbofobia devem ser combatidas, independente do ambiente em que elas aparecem. Alguns demonstraram satisfação ao saberem que iriam ter um espaço para compartilharem suas experiências, tirarem suas dúvidas.

A primeira aluna a fazer uma intervenção na sala de aula foi Luiza, que interpretou uma lésbica que sofreu estupro corretivo por três homens<sup>8</sup>. A tinta vermelha representava o sangue entre as pernas, os machucados pintados no corpo simbolizavam as marcas de resistência, gritos, choro, culpa. A intenção era chocar os docentes, fazê-los compreender que “não é só uma piada” quando o assunto é a opressão de um indivíduo, o problema da homofobia é um problema complexo e urgente de ser tratado. Em seus rostos, vimos o espanto, a empatia pela dor do outro. Ainda sob o silêncio dos docentes, seguimos o encontro.

---

<sup>7</sup> E, não são somente piadas homofóbicas, mas também machistas, racistas, gordofóbicas, carregadas de preconceito à religião de alguém. Enfim, são vários os preconceitos levados sala à dentro. ““É só uma piada”, “você não tem senso de humor não?”. Quando questionadas, as respostas são sempre as mesmas.

<sup>8</sup> O estupro corretivo é bastante ressaltado por grupos de pessoas lesbofóbicas que defender que, a hosexualidade das mulheres ocorre por “falta de homem”. Pessoas com este posicionamento costumam usar falas como “você é lésbica porque ainda não teve relações comigo”, nesta lógica, com a relação sexual forçada, a mulher lésbica, ao ter contato com um “homem de verdade”, deixaria de sentir atração por mulheres e passaria a se interessar por homens. No Facebook, por exemplo, casos de ameaça de estupro corretivo ocorrem em comentários de páginas diversas, isto quando o problema fica “somente” nas ameaças.

Vimos juntos o vídeo “Homofobia Mata”<sup>9</sup>. Em seguida, discutimos um pouco sobre a questão, os docentes foram dando suas contribuições do que já tinham presenciado em sala. Uma das professoras relata que:

Tinha um aluno homossexual em uma das minhas turmas no ano passado, ele era sempre o mais quieto da sala, nem passava pela minha cabeça o porque, certo dia, ao conversar com os pais dele, fiquei sabendo que ele tinha sido agredido na escola que tinha vindo anteriormente por um grupo de alunos machões, e que, depois desse dia, ele evitava ao máximo demonstrar alguma evidencia de sua orientação sexual.

Este relato nos mostra que o que termina por ser feito é colocar este assunto em um esconderijo, de forma que as características que envolvem a sexualidade de cada um, vão sendo anuladas, dia após dia, até que não mais apareçam, mas quando se trata da homossexualidade, isto ocorre de forma muito mais intensa, pois a orientação sexual diferente incomoda aquele que está dentro dos padrões heteronormativos. Assim, os professores trouxeram contribuições diversas que comprovam que este assunto precisa ser discutido por eles.<sup>10</sup>

Tivemos mais uma intervenção, para a surpresa dos professores. As luzes foram apagadas propositalmente na sala, gritos vinham do corredor, dessa vez um homem, Júlio, com traços característicos do feminino, todo escandaloso, atrás dele um grupo de pessoas o ofendendo verbalmente, ele segue em silêncio e é surpreendido por objetos que são atirados nele até a morte. Mais uma vez o encontro segue, pedi que deixassem os comentários para o final do encontro. Pois assim, teríamos a mesma reação que a sociedade tem para com essas pessoas: o desprezo, o esquecimento da violência.

Lemos alguns textos juntos, discutimos mais um pouco e no meio da discussão, tivemos a terceira intervenção: Dessa vez era Paulo, que na verdade era Paola, representando uma mulher trans, prostituta, também estuprada por um de seus clientes que zombou de sua identidade de gênero. Paola, como tinha uma estrutura física masculina, tentou se defender da situação, conseguiu escapar. Mas dias depois, seu cliente foi atrás dela para finalizar a agressão, a matou com três tiros, e foi embora. Novamente, seguimos em silêncio, mas os professores e professoras estavam cada vez mais sensibilizados pelo tema.

---

<sup>9</sup> Disponível no youtube em: <https://www.youtube.com/watch?v=cenwlh3p3ME>

<sup>10</sup> Apareceram relatos de agressões verbais e físicas, presenciadas por eles ao longo de sua carreira enquanto docentes, ocorridos entre estudantes e também entre professores.

Na quarta intervenção, as luzes se apagaram, mas dessa vez não havia grito, não havia sangue, apenas alguns barulhos e quando as luzes se acenderam, uma das alunas interpretou uma repórter que cobria o caso: Uma mulher lésbica foi envenenada por um homem, após recusar-se a ficar com ele, em um bar, no centro da cidade. O estabelecimento não se manifestou sobre o assunto a polícia disse que vai averiguar se a história é verdadeira ou se a mulher teria se envenenado sozinha.

Discutimos mais um pouco, as perguntas foram aparecendo, tanto sobre a diversidade sexual como sobre como trabalhar esta temática dentro da sala de aula, de forma a envolver todos os membros da comunidade escolar.

Quinta intervenção, os estudantes juntos, interpretam um grupo de pessoas reivindicando seu “direito de ser contra a diversidade sexual”. Uma pequena marcha com cartazes, palavras ofensivas direcionadas ao público LGBT. Dessa vez falamos sobre o assunto, sobre todas as outras intervenções e sobre os sentimentos que envolveram os docentes ao refletir sobre elas. Alguns relataram uma espécie de culpa, por terem permanecido em silêncio sobre essa questão enquanto coisas como as encenadas aconteciam no mundo todo.

Última intervenção, dessa vez, os estudantes representavam pessoas trans, homossexuais, bissexuais reivindicando seu direito de existir. Com cartazes pedindo pelo fim da violência. Em seguida, a cada dois professores foi entregue um cartaz. Os docentes foram convidados a envolverem-se nessa manifestação simbólica. Após isso, os estudantes sentaram-se junto aos professores para o encerramento deste encontro. Conclusões foram elaboradas em conjunto.

Mais uma pequena redação foi solicitada durante a semana seguinte, dessa vez os professores e professoras pareciam estar com uma postura um tanto quanto diferente da inicial. Os textos foram elaborados de forma mais detalhada. A preocupação com a questão da diversidade sexual, dessa vez, era unânime. Nenhum dos participantes se opôs a se trabalhar isto na sala de aula. A disciplina de cada um não mais aparecia como uma limitação, mas sim como um recurso para se discutir essa questão, na maioria dos casos.

Um novo encontro foi realizado onde os professores expuseram suas avaliações sobre as discussões realizadas, sobre os planos futuros para abordar a diversidade na sala de aula, não só a sexual, como todas as outras que aparecem. Surgiu então um compromisso de cada um em se dedicar, na medida do possível, ao combate à homofobia e à lesbofobia na escola, reconhecendo que isto seria

levado também para dentro de suas casas e seu círculo familiar. Um dos professores, ao término deste encontro, disse: “Ta, mas vamos com calma, não vamos esquecer que também não somos especialistas nesse negócio, pra não acabar falando bobagens sobre o assunto.” O comentário citado, demonstra a preocupação em não mais contribuir para a perpetuação do preconceito na sala de aula. Como alerta Junqueira (2009 p. 14) para que não terminemos por concluir que “[...] nós que clamamos por justiça, pelo fim de preconceitos e violência estamos, mesmo sem saber, envolvidos com aquilo contra o que procuramos lutar.”

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O principal sentimento percebido durante a realização deste projeto foi o estranhamento. Ser colocada(o) frente ao desconhecido é algo que deixa alguns em posição desconfortável e em outros desperta a curiosidade. Mas, vale pontuar que, de forma alguma nossa intenção foi colocar a sexualidade ou os indivíduos em uma jaula para admiração, mas sim olhar para compreender aquilo que poderia ser feito para melhorar a relação entre os membros da comunidade escolar, no que diz respeito à diversidade sexual. Com algumas dificuldades, o terreno foi se tornando mais amigável e mais interessante e, por fim, finalmente percebido como uma discussão indispensável para a escola.

Passamos, neste processo, pelo ouvir e o fazer. Ora agimos com cautela na fala, atentando mais aos participantes, ora fomos mais ativos, no sentido de fazer uso de provocações. Como por exemplo, Luiza, que invadiu a sala para provocar reflexões acerca das atrocidades que são feitas em uma espécie de tentativa de correção da sexualidade alheia. Todos se chocaram naquele instante, porém, todos os dias ocorrem situações semelhantes àquela representada pela estudante, situações que deixamos passar sem interferir, ou sem fazer qualquer problematização sobre. Apenas é possível interferir em uma realidade na medida em que seus problemas são evidenciados, se apenas fizermos uso de alguma ação, pode ser que tal ação não seja pertinente para determinado contexto.

Os professores que estão na escola, não somente ensinam, mas aprendem, aprendem muito. Porém, para que este aprendizado seja melhor alcançado, é necessário que os educadores comecem a perceber o ambiente. Não mais podemos uniformizar os alunos e fixar essa imagem em nossa memória, precisamos

compreender como se dão as diferenças entre todos aqueles que estão em sala, cujas identidades nós infelizmente desconhecemos. Nesse sentido, não nos parece arriscado dizer que todo professor deveria ser um pouco antropólogo para enfrentar esta jornada. Sendo assim, é possível e desejável que se discuta a diversidade sexual e de gênero tanto entre professores quanto entre estudantes, pois só assim sairemos deste estado onde o discurso homofóbico e lesbofóbico ainda prevalecem. Este assunto não é, portanto, uma questão de preferência temática, mas sim uma questão de urgência para corrigir os erros da docência e para incentivar a prática e a discussão sobre os direitos humanos.

Embora os textos utilizados tenham pontos de divergência, todos eles reforçam a idéia de que é urgente levar essa temática para todos os ambientes onde pudermos desconstruir e reconstruir. Isso fora o principal aspecto que retiramos da equação teoria mais prática: a desconstrução é possível sim.

É dura a caminhada por este estreito corredor que leva até uma igualdade efetiva, esbarramos nas paredes, tropeçamos nas pedras que aparecem, caímos, levantamos, mas lembramos que a porta ao final do corredor é a porta daquela turma do ensino médio que temos que dar a última aula do dia, não esquecendo o tema da igualdade para fora da porta.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a todos aqueles que participaram de alguma forma deste trabalho. Em especial, aos estudantes e professores que receberam este projeto abertamente e a todos e todas envolvidas no Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ANDRADE, Fernando. CARVALHO, Maria. FIRINO, Daiane. GOMES, Maria H. SILVA, Francisco. Enfrentando a Homofobia na Escola: reflexões a partir de desafios postos pela experiência. CARVALHO, Marília (org). CASAGRANDE, Lindamir (org). LUZ, Nanci (org). **Igualdade na Diversidade**: enfrentando o sexismo e a homofobia. Curitiba: UTFPR. 2011. p. 125- 142.

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION.. **Sexual orientation and homosexuality**. Washington, 2008. Disponível em: <http://www.apa.org/helpcenter/sexual-orientation.aspx>. Acesso em 18/08/2014.

BRAND, Maria. (org.) CHAMUSCA, Adelaide (org.). HENRIQUES, Ricardo (org.). JUNQUEIRA, Rogério (org.). Marcos Institucionais. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola**: reconhecer diferenças e superar preconceitos. Brasília: CADERNOS SECAD. 2007. p. 11-25). Disponível em <[http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib\\_cad4\\_gen\\_div\\_prec.pdf](http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_cad4_gen_div_prec.pdf)> Acesso em 15/07/2015.

BRITTO, Walderes. MAROJA, Daniela. MELLO, Luiz. Políticas públicas para a população LGBT no Brasil: notas sobre alcances e possibilidades. **Cadernos Pagu** (39), julho-dezembro de 2012:403-429.

LOURO, Guacira. Sexualidades Contemporâneas: políticas de identidade e de pós identidade. RIOS, Luis (org.). PARKER, Richard (org.). UZIEL, Ana (org.). **Construções da Sexualidade**: gênero, identidade e comportamento em tempos de aids. Rio de Janeiro: Pallas. 2004.

UNESCO. **Perfil dos Professores Brasileiros**: o que fazem, o que pensam, o que almejam. São Paulo: Moderna, 2004.

FROEMMING, Cecília. IRINEU, Bruna. MELLO, Luiz. RIBEIRO Vinícios. Políticas Públicas de Trabalho, Assistência Social e Previdência Social para a População Lgbt no Brasil: sobre desejos, realizações e impasses. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 44, n. 1, jan/jun, 2013, p. 132-160.

TAVARES, Manuela. Lesbianismos e Feminismos Encontros e Desencontros e as Ligações Entre Activismo e Academia. **LES Online**, Vol. 3, No 1 . 2011.